

PRISCILA CARMELINO | NERO | KEMENE KENEME

O ASSALTO

DESAFIO DE ESCRITA CRIATIVA (CONTOS)



ORG. LUCAS CASSULE

©É Sobre Nós, 2024

Título: O assalto

Organização: Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: lucascassule@gmail.com

Instagram e Facebook: [lucascassule.ao](https://www.instagram.com/lucascassule)

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

É Sobre Nós

Execução Gráfica

É Sobre Nós

Revisão

Dias Neto

Marketing e publicidade

Alusapo | Emanuela Pinheiro | Belmira Baltazar

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões | Sukiankasa Nsambu

Edição Digital: Agosto de 2024

É SOBRE NÓS EDITORA

Contacto: +244 919 146 296 | geral@esobreler.ao

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito da autora e da editora.

Não há histórias que não sejam verdadeiras (...). O mundo é infinito, e aquilo que é bom para certas pessoas pode ser abominável para outras. CHINUA ACHEBE

Prezado leitor, este pequeno opúsculo resulta de mais um desafio de escrita criativa do workshop realizado no Clube de Leitura da Mediateca de Luanda, onde falamos sobre a construção de diálogos e caracterização de personagens nos textos narrativos. Infelizmente, num universo de quase uma dezena de participantes, apenas três pessoas cumpriram os prazos e enviaram os seus textos de acordo com os limites estabelecidos.

Olhando para o resultado, fico feliz que o encontro tenha valido a pena, que tenha gerado os textos, que lerão a seguir, partindo apenas de uma premissa: um assalto.

Parabéns à Priscila, ao Nero e ao Miro. Incentivo-lhes a continuarem a trabalhar para conquistarem tudo o que o futuro lhes reserva.

Bem-haja e boa leitura!
Lucas Cassule

UMA LUZ RELUZ

Priscila Carmelino

A falta de comida era uma constante preocupação. Nas vielas escuras, Teresa tinha como herança as estrelas cintilando no céu escuro. O lar de Teresa era o chão de pedra e sua companhia constante o barulho incessante do tráfego. Vezes havia em que o frio chegava sorrateiramente. À medida que os dias se encurtavam, as noites se alongavam. O frio se intensificava, penetrando-lhe nos ossos, arrepiando a sua pele.

– Será que tudo isso vale a pena? – Teresa sussurrou para si mesma, certa vez, ao pensar em tudo o que não tinha.

Numa noite sombria, em que seus pensamentos a assombravam, sua energia estava mergulhada na escuridão, iluminada apenas pelas fracas lembranças da mãe, que se apagaram logo que se lembrou da sua morte.

Teresa pensava na má sorte que tinha. Enquanto tentava abrir uma porta trancada, um som agudo cortou o ar e uma dor penetrante irradiou-se-lhe pelo corpo. Sentia uma ardência aguda no peito, que se

espalhou rapidamente pelas áreas adjacentes, fazendo-a cambalear para atrás.

Uma bala, disparada por um segurança, tinha encontrado o seu alvo.

O grito de dor de Teresa ecoou pela rua vazia, misturando-se com os sons distantes dos carros. Ela caiu de joelhos, sentindo o calor do sangue que lhe manchava a pele. Cada respiração era uma luta contra a dor excruciante, cada batida do seu coração ecoava como um tambor em seus ouvidos.

Teresa com a voz fraca: – Somos apenas duas pessoas tentando sobreviver neste mundo louco, Guardiã da Lei.

– Meu Deus, o que eu fiz? — Gritou o segurança, ofegante e preocupado.

– Por favor... me ajuda – clamou Teresa.

Teresa abriu os olhos, lentamente, piscando contra a luz suave, percorrendo os olhos aos padrões intrincados dos tecidos que adornavam o local, o movimento suave das pessoas ao seu redor. Com angústia e confusão estampadas no seu rosto, Teresa tremia de medo. Não sentia o seu corpo estendido no chão. Seus olhos arregalados reflectiam o horror.

Teresa ergueu-se, com cuidado, e levantou-se do chão onde estava deitada.

– Sogoma, sinto-me perdida e confusa.

Respondeu Sogoma, com uma aura de calma e sabedoria: não se torna rei, nasce-se rei. Teresa, sentada diante de Sogoma, indagou, mas como posso interpretar o que vivi hoje?

– A resposta está dentro de ti, filha – disse Sogoma com um sorriso gentil.

Ao abrir os olhos com relutância, Teresa foi recebida pelo amargo sabor do ar poluído da cidade, misturado com o aroma de lixo acumulado. O ruído constante do tráfego e das vozes distantes da cidade ecoavam ao seu redor, como um lembrete implacável da realidade que lhe cercava. O cansaço ainda pesava em seus ombros, mesmo após uma noite de sono, uma lembrança a visita nas primeiras horas do dia, constantes batalhas diárias que enfrentava como moradora de rua.

Teresa agachou-se perto de um contentor de lixo. Os seus olhos varreram cuidadosamente os restos descartados pela sociedade. Com um suspiro resignado, ela encontrou algo de interesse entre os restos: talvez um pedaço de comida ainda

comestível, uma peça de roupa em condições razoáveis, ou um objecto que possa ser consertado e revendido. Os seus olhos brilharam num misto de esperança e determinação, enquanto guardava o seu valioso achado com cuidado.

Uma bala, duas vidas

Nero

As poucas vezes em que caminharam um ao lado do outro causaram mujimbo. Difícil crer que são jingongos, diziam as línguasafiadas. Não apenas pela dissemelhança facial, seus feitos criavam o maior contraste entre eles. Man'Seco, um kota lá do subúrbio, inúmeras vezes havia alertado Xico, o mais velho, esse teu irmão apenas te trará desgraças, repetia frequentemente o kota de meia-idade e terminava dizendo jikulumessu, enquanto puxava a pálpebra inferior do olho direito para baixo com o dedo médio. Xico, porém, renunciava qualquer comentário que sugerisse afastamento do irmão. Incondicionalidade do amor fraterno? Talvez seja.

Quem se afastava, entretanto, era o próprio Xiquito. Este evitava ficar perto do irmão mais velho, parceiro do mesmo parto. E, quando não podia evitar, simplesmente virava um cazumbi, mudo e

inexistente. Talvez apenas se sentisse bem lá na esquina, com a sua liamba numa mão e a lâmina novinha noutra, colocando em fila indiana cada peão que ali pisava os pés, na esquina, claro. Os cooperadores deixavam cem ou cinquenta kwanzas e seguiam seus caminhos, ilesos. Aquele que não tivesse ou retilasse, a lâmina lá estava para acariciar sua pele, assim diziam as pessoas.

Uma vez, Tia Minga, mãe kitandeira, levantou-se muito cedo, como é o costume de todas as zungueiras que abandonam os lares enquanto os filhos dormem em colchões desgastados e, ao acordarem, despertam dos sonhos ilusores em que as barrigas eram cheias e havia comida no prato. A velha deu à luz quatro filhos. Um AVC levara o marido, foi o estresse, haviam dito os médicos, na época, os gémeos eram apenas embriões. Hoje têm vinte e cinco. Mingo, o primogénito, morreu antes do pai, Xico e Xiquito nem eram sémens quando aconteceu: perdeu os testículos após estuprar a filha dum barrigudo importante, sangrou até morrer. Gisela, a segunda filha, teve o alambamento

após a gravidez precoce. Naquela madrugada, Xico estava de serviço. Eram constantes as vezes em que ele dormia fora do kubicó e sempre que regressava trazia algum dinheiro consigo e distribuía à família toda, incluindo a irmã que vivia maritalmente já. Xiquito nunca aceitou o dinheiro do irmão, apesar de que Xico fizesse sempre questão de insistir. Tais acções sempre alegraram o coração da mãe, por isso, nunca se esquecia de comentar seus actos nos momentos de fofocas com as comadres. Esse meu filho, sim senhor! Grande trabalhador. Não é como aquele sacana do Xiquito que só sabe fumar liamba e invejar o próprio irmão. E foi ao cruzar a porta-ausente do quarto dos filhos que Tia Minga ficou a olhar, com desdenho, Xiquito que dormia petrificado depois da fumarada à meia-noite. No quarto, algumas folhas de papel preenchiam um pouco do espaço causado pela falta de móveis. A velha ficou a olhar parada à porta principal. Carregava uma banheira azul no colo, um pano amarrado na cintura magra e mais outro carregado ao ombro. Depois,

partiu à busca do negócio para levar à kintanda. Eram quatro e meia quando passou pela porta. Só voltaria com a aparição da lua.

Ainda nesse dia, quando Xico chegou ao kubico durante a alvorada, o irmão já havia desaparecido. Mais tarde, encontrou-o por acaso na roulotte Bebe Mais, a mais famosa dali. Aproximou-se em silêncio e pediu à moça atendedora que trouxesse duas birras de congelar as palmas da mão. Estendeu o braço para entregar a cerveja ao irmão, Xiquito até pretendia recusar, mas ele sabia, nunca resistiria à sede, recebeu de bom grado a oferta do mais-velho. Bebiam calmamente e calados. De vez em quando, Xico olhava à volta procurando por Fernando Cabuenha, o mais recente amigo do copo, mas não havia vestígios dele ali. Voltou os olhos para o irmão e este percebeu o recado pela duração do contacto visual, nada disse, apenas espetou o gargalo na boca e acabou o resto da cerveja. Pousou a garrafa com suavidade e, de igual forma, percebeu o mais-velho: haverá conversa.

Afinal eram gémeos. Difícil escapar do vínculo gerado pela irmandade. Conheciam-se bem.

Terminadas as primeiras cervejas, ambos sabiam, não podiam se dar ao luxo de mandar mais birras. A fome em casa cobraria depois. Cerveja em abundância Xico só tinha quando Fernando Cabuenha estivesse presente, kamba balado. Xiquito nunca o gramou. Quando Fernando Cabuenha chegava, Xiquito cuspi no chão e saía dizendo: aqui começou a cheirar bufo. Obviamente, Xico se enfurecia com isso e, nas tentativas de resgatar o juízo ao irmão, o mesmo contra-atacava, sabes donde sai o dinheiro desse teu amigo? Xico ficava sempre sem réplica. Com efeito, nunca havia questionado a origem do kumbu do amigo, ficava-lhe difícil fazer perguntas com o gargalo sempre enfiado à boca. Deu uma palmada no ombro do mais-novo e se levantaram a caminhar. Cena quase impossível de assistir. Mas há confidências que a imensa poeira do musseque transborda aos maus ouvidos.

É preciso sigilo. Xico quebrou o silêncio enquanto andavam:

– Junte-se a mim, irmão, preciso de ti lá no trabalho. – A voz era firme.

– Chamas aquilo trabalho? – Cuspiu no chão, nem fez questão de camuflar a repugnância na face – Nunca na vida!

– Sempre o fiz por um bem maior, vontade própria nunca foi. Tu sabes melhor do que ninguém, meu irmão. Em dias longínquos, eu sonhava ser doutor. Queria salvar vidas...

– Hoje fazes o oposto disso – cortou Xiquito, nos olhos, a raiva imperava.

Xico demorou a responder. Meditou nas palavras do mais-novo e só então voltou a falar, dessa vez, sua voz soou mais mansa:

– Um dia, talvez da pior forma, vais perceber: a lei da sobrevivência reside em matar ou morrer. Eu apenas optei em deixar de ser a presa, para caçador.

– Disparate – disse Xiquito – Esses teus truques só enganam a mãe e os vizinhos desmiolados. Dizem que sou marginal aqui no bairro, não passa de falácias, mas

não levo a mal e até percebo, a fome faz falar à toa. – Fez uma pausa – Diga-me lá, irmãozinho, eles sabem que o teu trabalho é assaltar pessoas? – Xico sentiu um peso na garganta que não lhe permitiu emitir som, então o irmão deu sequência. – E eu sou julgado por fazer uso duma planta. – Riu de leve, mas foi por pouco tempo, a raiva assumiu o controlo novamente – Açam que sou tolo, mas não sou. Tolos são eles que idolatram um falso deus.

Com efeito, a profundidade dos discursos do menor o feria. Xiquito não engolia sapos.

Quando Xico se recuperou da mudez, ia falar, porém, de repente, estacou defronte deles uma viatura Land Cruiser, a porta abriu-se bruscamente, de dentro saíram homens armados, não identificados. Xico caiu no chão após a bassula executada por um deles, de lá, mirou o irmão gémeo, paralisado pela situação aterrorizante. Foram três disparos seguidos. A acção foi rápida, como os homens ao voltarem para o veículo e irem-se embora. Aos poucos, o sítio

parecia uma habitação de kissondes. Moradores de ruas diversas abandonavam as casas para se juntar à multidão que chorava Xico. Man'Seco apenas lamentava no seu canto, as lágrimas escorriam pelos olhos. Gisela não tardou chegar, logo mirou a cabeça rebentada do irmão, atirou-se ao chão e começou a rebolar no pó, aiuê, aiuê, Xico, meu irmão! Que maldade foram ti fazer. Xiquito não falava nem gritava nem chorava, era como se morresse aí, juntamente com seu parceiro.

Do mesmo modo, nesse dia, morreu Tia Minga, kitandeira na Praça do Calem-ba II, morreu ao fugir do polícia que lhe cobiçava o negócio. Uma bala de AKA 47 atravessou o nguimbo da velha.

Após estas cenas, surgiram novos mujim-bos. Uns diziam que a morte de Xico foi obra do SIC, as demais bocas falavam de marginais procurando acertar contas com Xiquito. O pecado de Xico foi andar com o irmão naquela tarde, pagou o preço. Por isso Gisela afastou-se por completo do irmão. Outras bocas passaram ainda a dizer:

– Esse Xiquito foi buscar feitiço masé, e deu de sacrifício a mãe e o próprio irmão jingongo.

Até hoje, Xiquito acredita ser a mesma bala que levou os dois.

Fernando Cabuenha, não voltou a aparecer. Nem ao funeral do suposto amigo. Seria apenas um bufo, como dizia Xiquito?

ASSALTANTE POR UM DIA

Kemene Keneme

Dizem que, quando a fome entra pela porta, o amor sai pela janela. Neste caso, quando a sobrevivência é colocada em julgamento, a moral abandona a nossa alma. António era um jovem decente, com princípios e valores, no entanto, para conseguir seiscentos mil kwanzas, a fim de pagar pelo tratamento de sua mãe que se encontrava em estado crítico, ele decidiu alinhar em um assalto com um amigo. Ramos, o seu amigo, era um homem alto e de uma aparência majestosa, na casa dos trinta anos, tinha classe e um perfil aceitável e invejável: amava a boa vida e detestava trabalhar.

– Tens a certeza do que estás prestes a fazer? – Questionou Ramos, olhando fixamente nos olhos de António enquanto batia lentamente as mãos no volante, era sua mania. – Sabes que não terá mais volta se alinhares nesta, não é? Se recusares eu entenderei.

Ao olhar para as pessoas que dormiam à frente do hospital e para as outras que choravam pela perda de seus familiares, Ra-

mos tentava entender os sentimentos que estavam no coração e na alma de António.

– Estou dentro – respondeu António – já tomei a minha decisão, irei até ao fim.

Ramos deu uma olhada ao Rolex que tinha no pulso, posicionou-se devidamente no banco, colocou o cinto de segurança e retirou duas armas: uma de 45mm, outra, 9mm. Pousou a de 45mm no colo de António. O parceiro sinalizou que não queria uma arma. Ramos guardou para si a de 9mm e deu arranque à viatura, saindo lentamente do estacionamento.

– Não temos tempo para estar de brincadeiras, se não tens a certeza que farás parte do assalto, não tem problema, António, podes desistir agora – começou por dizer Ramos, ao notar que António afastou a arma do seu colo. – É um assalto rápido, apenas envolverá nós os dois na linha de frente e alguns manos que estarão para dar cobertura. Não podemos demorar, as duas da manhã, tenho uma viagem para a Inglaterra, então procura não fazer merda.

António sinalizou que sim, estava dentro, então, elegantemente, Ramos acelerou o carro. Ele era um dos donos do país, nin-

guém estava acima do sistema a que os seus pais pertenciam.

– És meu mano, sei que estás na parada por causa da tua mãe, não vou te esconder nada. Vamos assaltar um português que vai levar uma mala com trinta milhões de kwanzas a um agente do SIC. Em poucas palavras, a sua empresa está a ser alvo de uma investigação do SIC, que poderá levar a empresa a ser fechada, pagar milhões nos tribunais de Angola e os chefes serem presos, por isso, eles querem corromper os nossos agentes para impedir que a investigação do SIC ande.

– Duas questões – interrompeu António. Algo não cheirava bem, era do SIC que se estava a falar. – Primeiramente, como sabes destes trinta milhões, se é uma corrupção dentro do SIC? E, por outra, estamos a falar do SIC, mano. Achas uma boa ideia assaltarmos o dinheiro que está sendo direccionado para o SIC? Podemos tentar roubar qualquer pessoa, mas agentes do SIC, mano? Pensa bem, seremos caçados e mortos. Você até não, já que o teu pai e a tua mãe fazem parte do sistema, mas eu não tenho pais poderosos, minha família não é ninguém perante o SIC.

Nesse momento, já estavam do outro lado da cidade, deixando pessoas e carros no percurso. António reflectia, sabia que era perigoso demais se envolver em um assalto daquela natureza, ainda mais para ele, filho de pais pobres e família desgraçada.

— Eu tenho contactos nas ruas, mas não foi nas ruas que ouvi isso, mas sim de um kamba meu que é do SIC e também assalta connosco. Por isso eu te chamei, não posso levar e nem contar em ninguém do meu núcleo, se o fizer, os homens do SIC saberão que fui eu e aí foderá para mim. Eles não saberão de nada, porque vamos atacar o homem com o dinheiro e não os agentes do SIC, se atacarmos os agentes do SIC, vai dar merda, mas, se atacarmos o português, não. O encontro será às vinte e três horas, mas antes do, o português irá buscar a mala às vinte e uma horas, que é daqui a nada, naqueles lados do Kimbango. Nós vamos assaltar, você vai para a tua vida, salvarás a tua mãe e eu pegarei o meu avião para Londres, fácil demais, não?

Ao notar o medo nos olhos e nos gestos de António, Ramos acrescentou:

— Não te preocupes, todas as medidas já foram tomadas, eu não quero ser pego e

esta é a tua carta de salvação, eu estou aqui contigo, não estou?

– Está bem, mano. Só estou aqui pela minha família, é só pelos dois milhões que me prometeste neste assalto. Tenho de pagar as contas do hospital para a minha mãe não morrer, mano, eu te confio, é só não ter mortes tal como disseste e sairmos ilesos e, mais do que isso, é apenas trabalho de um dia, depois desta eu estou fora.

Ramos concordou e, sem perderem tempo, meteu o acelerador a fundo, até porque a estrada estava livre, e chegaram antes das vinte e uma horas. Ramos organizou-se elegantemente, já que a vaidade era a sua doença. Ainda no carro, fez um estudo do perímetro, depois de ver que já era a hora em que o português receberia a mala com os trinta milhões, pegou a sua pasta diplomática para disfarçar juntamente com a sua elegância e, nas calmas, saiu do carro. Não desliga o motor e fica atento em todos os ângulos, recomendou a António. Estavam a falar de um assalto e nem sempre o esperado podia acontecer. Apenas tinha um carro parado na rua e julgaram ser o do português.

Como António não esperava nem ser preso e nem morrer naquele dia, já que nenhuma das opções salvaria a vida de sua mãe, redobrou a atenção em todos os ângulos. Estando sozinho no carro, procurava entender as razões que levaram Ramos a ser um criminoso, já que tinha tudo que alguém poderia sonhar. Mas, como a vida alheia não é para ser entendida, António deixou imediatamente de pensar nisso. Alguns jovens passeavam de mãos dadas, carros também atravessavam a rua em alta velocidade. Depois de dez minutos, Ramos veio a correr, coxeando e com o terno rasgado. António entendeu logo que algo tinha dado errado. Então, preparou-se para sair imediatamente. Assim que Ramos entrou, António pisou no acelerador e saíram disparados.

– Deu merda? Porras, não conseguimos. O que aconteceu lá dentro? – questionou António, ao notar que, além de coxear, Ramos também tinha ferimentos na cabeça e na barriga.

– Cala a boca e acelera mais essa merda do carro! – Gritou Ramos, depois respirou fundo, colocou a pasta no banco de trás. –

Achas que não deu certo? Conseguimos a merda dos trinta milhões!

– E estás assim por qual razão, se conseguimos o dinheiro?

– Tive de matar o homem, ele estava armado, caralho. Vamos ter de nos separar.

Ramos puxou a pasta do dinheiro e outra vazia que estava atrás e começou a dividir os milhões, os vinte e oito seus e os dois de António.

– É arriscado estares comigo, vou tentar atrair os dois. Quando chegarmos na Estalagem, descerás. És um gajo do gueto, tenta andar pelos becos, não leva o dinheiro em casa, procura um sítio seguro e guarda-o. Se fores para o hospital onde a tua mãe está internada, é uma óptima opção. Eu vou desaparecer por uns tempinhos do mapa, acho que vou ficar lá na Europa.

Dito aquilo, os dois dividiram-se as pastas. António não estava bem, mas tinha de manter-se calmo e acelerar o máximo que podia para não serem pegos. Nenhum carro os ultrapassava. Eles deixavam todos, estavam a voar.

Quando chegaram ao hospital Dom Cardeal Alexandre do Nascimento, notaram que estavam a ser perseguidos, eram

cinco carros de marca *Toyota Land Cruiser*, pretos. Eram os homens do SIC, sem dúvidas, o que fez o coração de António disparar de medo. Mas, logo de seguida, o espírito de sobrevivência instalou-se nele. Acelerou o máximo que conseguia, fazendo manobras que atrapalaram os outros motoristas e levaram-nos a criarem acidentes, mas estes não impediram os homens do SIC de continuarem a perseguição. As pessoas olhavam assustadas para aquela perseguição. Sem tardar, os homens do SIC começaram a fazer disparos e António começou a matar-se de medo. Ramos mantinha-se calmo, pegou no seu telefone e enviou uma mensagem a um amigo, em busca de apoio. Depois, começou a pensar numa estratégia para saírem da emboscada.

A perseguição continuava. E tudo indicava que mais agentes do SIC estavam a caminho para se juntarem àquela perseguição. À entrada do Cazenga, propriamente na entrada da Rua dos Comandos, António perdeu o controlo do volante e embateu contra um carro. Foi um acidente feio, que danificou os dois carros envolvidos. Ramos foi o primeiro a sair da viatura, antes de as pessoas que estavam por perto se apro-

ximarem. Levou a sua pasta e a arma. No entanto, depois de estar distante do local do acidente, parou e decidiu voltar para ver o companheiro. António já tinha sido retirado pelas pessoas que, vendo a elegância de Ramos, não julgaram que ele fosse um criminoso.

— Saíam daqui, agora! Somos homens da inteligência, as coisas vão piorar, estamos a ser perseguidos por alguns criminosos! Aconselhamos a fugirem deste local o quanto antes — gritou Ramos e ninguém duvidou das suas palavras.

Depois de as pessoas se afastarem, alguns fugiram e outros mais curiosos ficaram a observar à distância, Ramos entregou a pasta a António, a arma e recomendou-lhe que fugisse pelos lados da empresa Frescangol, já que os becos ajudariam a despistar os homens do SIC. Os dois se separaram. Ramos fugiu em direcção à FILDA e António cumpriu a orinetação do parceiro.

Ramos conseguiu fugir num piscar de olhos. Coxeando e com ferimentos leves, o que importava para ele era criar formas de sair do país naquela noite e a única opção seria pela via do Cazenga.

Mesmo não vendo bem, devido aos ferimentos leves no rosto, António andava muito rápido, mas sua velocidade e pragmatismo não foram suficientes: foi alvejado por um tiro nas costas, que o derrubou imediatamente. António estava estendido, sangrando lentamente até a morte chegar e alcançá-lo. Não tardou, o homem que fez o disparo aproximou-se rente ao corpo, pegou a mala de dinheiro e afastou-se rapidamente, deixando o corpo de António inerte, banhando no sangue. Mas, antes de sair do local, disse baixinho.

— Valeu pela mãozinha, companheiro!

Enquanto isso, Ramos andava em altos passos pelos becos, e desapareceria mais tarde.

Os carros do SIC estavam no local onde tinha acontecido o acidente. Os operativos não sabiam que caminho tomar para encontrar os dois criminosos.



https://www.instagram.com/esobrenoseditora_oficial/